

NASAL, LATERAL OU GLIDE?

NASAL, LATERAL OR GLIDE?

Odete Pereira da Silva Menon¹

Resumo: *Pretende-se discutir o que há de comum entre as formas antigas emxuqueção, enxemplo, eiceção, marfil, rubim, bargantiis, e as brasileiras modernas Maicom, polkan/poncan, vim. Isso é devido às relações entre fonemas/fonemas e grafemas? Trata-se de processo inerente à língua, no presente, como o foi no passado? Como tratar a representação grafemática por nasal quando não há condicionadores no vocábulo, como em execução (emxuqueção) e revens (< revees < rebeles)? Acontece o mesmo com marfil/marfim; rubi/rubim? No final do século XX, houve no Brasil uma “invasão” de meninos chamados Maicom, de Michael (Jackson). Há inúmeras variedades de cítricos facilmente descascáveis a mão, como as mimosas, as tangerinas, as morgotes, há também as poncans, ou polkans, ou pocans ... E por que se diz “eu vou **vim** amanhã” ou “se ele **vim**, eu dou o recado”?*

Palavras_chave: *Nasal, lateral glide, princípio uniformitarista.*

Abstract: *This article aims to discuss and to analyze why are there nasal, lateral and glide alternations in words like emxuqueção, enxemplo, eiceção, marfil, rubim, bargantiis (Old Portuguese) and Maicom, polkan/poncan, vim, from Modern Brazilian Portuguese. Is it, perhaps, the same process (as a uniformitarian principle's reapplication) in both varieties? Is it concerned to some relations between phones/phonemes and graphemes? And, why is the “rule” present where there is no constraints, as in execução (emxuqueção) or revens (for/by revees, from rebeles)? Is that based on the same alternation as in marfil/marfim or rubi/rubim? These days, in Brazil, there are many boys named Maikom, a phonological adaptation from Michael (Jackson). In Curitiba, there is a citrus fruit called alternatively poncan [põ.'kã], polkan [pow.'kã] or pocan [po.'kã]. Also, why do people say “eu vou **vim** amanhã” or “se ele **vim**, eu dou o recado”?*

Keywords: *Nasal, lateral, glide, uniformitarian principle.*

¹ Professora Sênior (Titular aposentada) do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFPR, pesquisadora do CNPq.

1 Introdução

O que há de comum entre *emxuqueção*, *enxemplo*, *eiceção*, *Loronha*, *marfil*, *rubim*, *bargantiis*, de um lado e *Maicom*, *polkan/poncan*, *vim*, de outro? Quais são as relações entre fones/fonemas e grafemas? Trata-se de processos de interpretação ou representação fonológica inerentes à língua, no presente, como o foram no passado (aplicação do princípio uniformitarista)? Como tratar a representação grafemática por nasal quando não há condicionadores no vocábulo, como em *execução* (**emxuqueção**) e *revens* (< reves² < rebeles) ? Por que ocorre a variação entre *marfil/marfim* e *rubi/rubim*?

No final do século XX, em razão do sucesso do cantor americano Michael Jackson, houve no Brasil uma “invasão” de meninos chamados *Mai-com* ... Em Curitiba, onde há inúmeras variedades de cítricos facilmente descascáveis a mão, como as *mimosas*³, as *tangerinas*, as *morgotes*, há também as *poncans*, ou *polkans*, ou *pocans* ... E por que se diz, em qualquer parte do Brasil, “eu vou **vim** amanhã” ou “se ele **vim**, eu dou o recado” ?

2 A representação gráfica

A língua portuguesa conheceu diferentes formas de grafar as palavras⁴. Aquilo a que comumente se denomina de “escrita caótica” do tempo antigo se revela, desde que se tem acesso a diferentes documentos de uma época, como um sistema bastante interessante de como se procedia à representação, por grafemas, daquilo que se pronunciava. O escriba, tendo como único modelo a língua latina escrita (cujo aprendizado partia do escrito para a produção oral, visto não existir mais informantes nativos), tinha que se “virar” para representar sons que não existiam em latim mas que eram produtivos em “lingoagem”, como se denominava a língua portuguesa em determinados momentos de sua história. *Treladar* uma obra *em lingoagem* consistia um grande desafio ao escriba. Mesmo documentos formulaicos

2 O uso de sublinhado é tradição nos estudos históricos, quando se trata de demonstrar as etapas de modificação das palavras (tradicionalmente, “evolução das palavras”): os sinais < e > representam, respectivamente, “provém de” e “evolui para”.

3 Em outras regiões do Brasil, elas recebem nomes como **mexericas** ou **vergamos** ...

4 Todas as formas gráficas citadas no presente texto serão reproduzidas exatamente como se encontram nos documentos compulsados, incluindo as citações de autores de diferentes períodos, obedecendo a convenções ortográficas neles vigentes.

como eram as cartas de chancelaria⁵ exigiam, muitas vezes, do tabelião, a expressão de palavras estranhas ao linguajar ordinário, do dia a dia. E, nesses documentos, apesar de terem uma rigidez em relação à forma, com expressões fixas da linguagem forense, aparecem variantes gráficas (muitas vezes no mesmo documento ou em diferentes cartas de um mesmo tabelião, conforme MENON, 2002, 2009), às quais não se pode imputar o desconhecimento da escrita, nem se decidir por uma análise decorrente da origem geográfica do tabelião, dada a precariedade de fontes que poderiam fornecer indicações sobre o perfil social do escrivão tabeliônico.

Infelizmente, não dispomos ainda de divisões cronológicas com descrições confiáveis da evolução da língua, com as respectivas características das representações gráficas correspondentes a cada período⁶. Junte-se a isso o fato de que, a partir da fixação da imprensa em Portugal, muitas das oficinas impressoras implementaram suas próprias “regras” de composição. Mais ainda: a partir da segunda metade do século XV, com Gomes Eanes de Zurara, começou uma série de “revisões” das leis, com compilações que culminaram posteriormente na chamada “leitura nova” manuelina, que consistiu em sistematizar toda a legislação esparsa em múltiplas cartas e decretos; porém, essas compilações foram expressas na linguagem do século XVI: e assim foram impressas as *Ordenações Manuelinas*. Nesse mesmo século, na esteira da experiência bem sucedida de Antonio de Nebrija (1492) na descrição gramatical do castelhano, começou em Portugal

5 Cartas de chancelarias são documentos de concessão de benefícios ou de decretos emitidos pela chancelaria real e, em geral, assinados pelo Rei, ou por outras pessoas, a mandado do monarca.

6 Muitos estudiosos, ao fim de suas descrições de determinado fenômeno linguístico, apontam certas características encontradas no(s) período(s) abrangidos. Mas elas são esparsas e não abrangentes. Um exemplo de demonstração de certa datação é veiculado por José J. Nunes (1907: 226), na amostra que transcreve e edita de um manuscrito medieval (códice 643 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo) do ciclo arturiano, o Livro de Josep ab Arimat(h)ia, cuja cópia existente dataria do séc. XVI:

“Cito algumas das expressões que mais ressaibos de antiguidade apresentam: *ouvides*, quando já então a 2.a pessoa do plural era em *es* ou *is*; *espor*, que depois mudou para *despir*; *atá*, que é mais frequente do que *até*; *sam*, 1.a pessoa do singular do indicativo presente do verbo *ser*; *britar*, na acceção de *partir*; *fame*, já então *fome*; *esto*, ainda que o mais geral é *isto*; *ante* ao lado de *antes*; *cheo*, *meo*, *veo* (a par de *veio*), formas estas que, como outras apontadas, ainda perduravam naquela epoca e apparecem em outros escritos do tempo; *fincar-se de giolhos*; *comprido* na significação de *dotado* em grande quantidade (*comprido de todas as bondades*); a omissão por vezes do artigo com o pronome todo (*de todas partes*, *limpa de toda sugidade*); a repetição do *que* em: *dizem os doctores que, quando esta ave voa, que todas*, etc.; a concordancia do participio com o complemento directo que o precede ou segue, como em: *averás passadas as grandes tribulações; duvidar no sentido de temer*; o imperfeito do conjuntivo em vez do condicional hoje usado (*pôs em seu coração que non se partisse*, etc.”

a preocupação com a descrição (e, posteriormente, mesclada com a normatização/prescrição) da língua: a publicação das primeiras gramáticas do português (Fernão de Oliveira, 1536; João de Barros, 1540) e, na segunda metade do século, os tratados de “ortografia”, de Pero Gândavo e Duarte Nunes de Lião. Essas medidas invalidam, de alguma forma, a utilização de textos impressos no século XVI⁷, para a pesquisa filológica e linguística. Como afirmou Leite de Vasconcelos, (1926, p. 136, citado por Augusto Magne (1950: II) o *Boosco Deleitoso* (cuja primeira edição conhecida data de 1515) seria uma exceção nesse processo de modernização da língua:

pôsto que impressa no primeiro quartel do século XVI, esta obra representa uma fase lingüística muito mais antiga, dos começos do século XV ou ainda dos fins do século XIV. Talvez não passe de reprodução de uma

7 Exceto no caso de se poder confrontar com o original, se ainda existir ou estiver disponível. O mesmo se aplica a cópias de manuscritos realizadas a partir dessa “reforma” e utilizados quer contemporaneamente, quer posteriormente. Vejamos dois casos:

1. José J. Nunes (1907: 226), ao editar uma amostra do *Livro de Josep Ab Arimatia* discorre sobre textos datáveis de fins do séc. XIII ou início do XIV, mas somente disponíveis em cópias tardias: “Assim a *Demanda do Santo Graal*, cujo codice ascende ao século XV, é já cópia modernizada de um exemplar mais antigo, hoje perdido, talvez do principio do século XIV. O mesmo se dá com o *Josep ab Arimathia*. Uma leitura attenta faz-nos ver a grande semelhança que a sua lingua apresenta com a dos trovadores; a collocação das palavras, as formas d’estas e até alguns archaismos estão-nos a dizer que o copista do século XVI, embora procurasse pôr-lhe o estilo e dição ao corrente da epoca, deixou vestígios bem visíveis do exemplar que tinha ante os olhos, quicá copia tambem de outro mais antigo.”

2. Diz Almeida Costa (1998: 9-11) a respeito da utilização de manuscritos para uma possível edição crítica das *Ordenações Afonsinas*, e sobre a opção final de reeditar, em fac-símile, a edição de 1792: “Nunca se pôs em dúvida a probidade da edição de 1792. ... Mas, que saibamos, nunca mais se voltou às cópias manuscritas conservadas na Torre do Tombo, nem se deu conhecimento da existência de outros manuscritos do tempo. ... Nenhum vestígio resta do original que deve ter estado depositado na Chancelaria Régia, presumindo-se, como sucedeu a outros códices, que haja sido eliminado e substituído por um apógrafo da “leitura nova” dos começos do século XVI. Inventariam-se, contudo, quer várias cópias directas e contemporâneas do original, executadas, segundo se crê, no terceiro quartel do século XV, quer cópias directas, embora não suas contemporâneas, por conseguinte já com sistema ortográfico diferente. ... Podem-se apontar [na edição de 1792] imperfeições ortográficas, defeituoso desenvolvimento de abreviaturas e incoerências modernizadores. Eis os aspectos que prejudicam uma impecável utilização do texto sob o ângulo filológico ou linguístico.” Nunes (1984, *apud* 1998: 21) na nota à primeira edição, reproduzida na segunda, complementa: “No livro III, os emes nasalizantes no interior das palavras, tão abundantes no manuscrito quinhentista, foram sistematicamente transformados em enes; assim como, nos outros livros, os enes antes de p ou b, normais no séc. XV, vão todos mudados para emes. O pior é que, fora destas modernizações, a fidelidade às ortografias originais é tão aleatória e enganosa, que inibe qualquer uso rigoroso do texto sob o prisma paleográfico ou linguístico.”

obra impressa no século XV, de que não se conhece hoje nenhum exemplar, pois não é natural que imprimissem pela primeira vez no século XVI um antigo texto manuscrito sem o modernizarem.

No entanto, existem milhares de documentos manuscritos em diferentes arquivos portugueses, à espera de transcrição fidedigna. Há uma série de projetos que vêm produzindo edição sistemática dos documentos das Cortes Portuguesas e das Chancelarias de diferentes reinados, de que já saíram muitos volumes, que podem lançar luz sobre as características gráficas de diferentes períodos da língua, visto que se trata de transcrições feitas com critérios filológicos de preservação da grafia original dos documentos, usando itálicos no desdobramento das abreviaturas. Tais documentos são importantes porque, além de serem datados, contêm o nome dos escrivães/ notários/ tabeliães, que acompanhavam os reis na sua peregrinação entre as cidades, visto que a corte ainda não estava fixada numa única cidade. Esses tabeliães eram profissionais da escrita e o que escreveram deve ser considerado como produção confiável e representativa da grafia de sua época – porém, como já afirmou Lusignan (1986), a respeito da expressão escrita da língua francesa medieval, os escribas tinham que escrever uma língua que ainda não tinha escrita. Dispõe-se também de edições confiáveis de cartas missivas escritas por personagens importantes do reino, de diferentes períodos (como a importante coleção de cartas de D. João de Castro, Governador da Índia, ou de Afonso de Albuquerque) ou as cartas ânuas⁸ dos jesuítas que atuaram no Oriente, assim como edições de obras de autores importantes, como Damião de Góis ou dos cronistas da Corte, como Fernão Lopes, Rui de Pina ou Zurara ou, ainda de coleções de documentos impressos segundo normas confiáveis de reprodução da língua de cada época.

Tais documentos e os de chancelaria e das Cortes (até o reinado de D. Manuel) já editados mostram diferenças gráficas em determinadas palavras, que podem veicular diferentes formas de pronúncia (algumas delas poderiam ser imputadas à origem geográfica do tabelião, caso fosse possível determiná-la). Pode-se, dessa forma, evidenciar processos de mudança em curso e inúmeros fenômenos de variação/mudança fonética, como as vocalizações, as ditongações, o rotacismo, as sínopes, a flutuação de pronúncia entre as vogais médias fechadas [e] e [o] e as altas [i] e [u], entre

8 As *cartas missivas* (cartas pessoais ou oficiais) e as *cartas ânuas* (de *ano*, isto é, relatando o que tinha acontecido na missão em determinado ano) têm, ainda, a vantagem de serem datadas e assinadas, isto é, sabe-se quem mandou, quando e de onde, e para quem.

outras, conforme os exemplos abaixo, retirados todos das cartas de D. João de Castro (primeira metade do séc. XVI):

- (01) foy per mim *emvistiada* a causa (p. 16, 05.08.1538) (= *investigada*)
- (02) que vosa Alteza escolhese pessoas *sofeçiemtes* e *autas* pera os tais careguos (p. 30, 1539) = *suficientes* e *aptas*
- (03) *gouvernadores* [...] não fica a mesma *aução* e demãda no sino persico? (p. 24, 1539) = *governadores*, *acção*
- (04) preceitor, *putrugueses* (p. 26); *cramado* (p. 27); *Purtugal*, *groria* (p. 33); *capitolo*, *emcrinado* (p. 34)
- (05) [...] chea de *pilouros* de bombardas, de que o muito eçilemte prícipe o Ifamte dom Lois hee boa testemunha [...] *pestenençiaes* (p.35-36)

Em (03) vemos duas ditongações: **gouvernadores** e **aução**. A primeira delas não tem justificativa etimológica, devendo ser indicadora de uma pronúncia da época⁹; a segunda, **aução**, é resultado de processo bastante comum na história da língua, a da vocalização da velar: *acção* > *aução*. Em (05) temos dois casos de nasais: a perda da nasalidade em **Ifamte**¹⁰ e uma nasalidade em **pestenençiaes** que, em outros textos, como nos *Evangelhos em romãce*, aparece como lateral: **peftellença** e **peftilêçia** (fl. VIIr), o que evidencia uma variação de pronúncia entre lateral e nasal, visto que, se o texto dos *Evangelhos* data de 1497¹¹, a língua nele empregada era praticamente a mesma utilizada por Dom João de Castro, que escreveu em 1538, quando já bem adulto e ocupante um cargo de confiança (*1500-†1548).

A linguagem teatral do século XVI, com Gil Vicente e outros autores da sua época e posteriores a ele, também constitui fonte apreciável para o estudo de alguns fenômenos, desde que se parta de manuscritos ou edições confiáveis ou, ainda, de edições que, embora com “atualização da grafia” para o período em que foram publicadas, possibilitem a comparação com manuscritos originais ou cópias coevas.

9 Recentemente, em Curitiba, no canal de televisão do governo estadual (mandato anterior), havia uma apresentadora do jornal da noite que sempre pronunciava, enfaticamente (*de boca cheia*, como se diz), **gouvernador**, embora não seja essa a pronúncia normal ouvida na cidade. Pode se considerar um caso de “puxa-saquismo”, visto que os funcionários da emissora não eram concursados, mas indicados para os cargos. No mandato do atual governador, essa locutora desapareceu.

10 Nas cartas enviadas a D. Francisco de Faro (ou Farão), na década de 1560, o Cardeal D. Henrique (regente do Reino) sempre assina “O Cardeal Iffante”.

11 Ver, também, o exemplo (35), da mesma época (*Estoria de Uespasiano*, edição de 1496).

Como sempre, os empréstimos de outras línguas causam algum embaraço na representação escrita, visto que, quando adquiridos de outiva¹², devem passar ao escrito da língua alvo com adaptações gráficas, decorrentes da representação de um sistema fonológico diferente. Assim, os nomes próprios estrangeiros sempre podem apresentar alterações gráficas que revelam como se ouviu determinado som de outra língua e que não tem correspondente nem fonêmico, nem grafêmico. Quando do casamento de D. João I com Dona Filipa, de origem inglesa, o antropônimo de sua família / origem geográfica **de Lancaster** passa a ser grafado nos documentos portugueses como **de Lancastre** ou **dalemcastro**. Ingleses que combateram os árabes na reconquista de Lisboa aparecem mencionados em diferentes modos; na *Crónica de Cinco Reis* (manuscrito quatrocentista), temos bons exemplos (06 a 08), assim como representações do nome do Conde de Huntyngton em diferentes partes do *Livro da Cartuxa* (09-10), escrito por Dom Duarte (ca. 1433-1438):

- (06) a hũ deles chamauaõ Messem **guilhão** de **lõga septa** conde de **leuitol** o qual em seu tpõ foi teudo pollo melhor caualeiro que sabiaõ em Inglaterra nem em frança nem em as partes de espanha e ao outro chamauaõ Gil do rolim e dom **libenshe** e ao outro d. Gil [...] (**C5R**, p. 92, linha 23)
- (07) quatro capitães estrangeiros dom Guilhão de licorne e Dom Rolim e Dõ **Rubestes** e Dom **Lingel** (**C5R**, Cap. Soltos, p. 223, linha 10)
- (08) dom Guilhão de licorne e Dom Rolim e Dõ **Juz berçez** e Dom **ligel** (**C5R**, Cap. Soltos, p. 280, linha 03)
- (09) Ditado pera¹³ o conde do **otintonj** [...] / Sobrescrito: Ao nobre e honrrado conde de **otintonj** almirante dJngraterra noso muyto prezado e amado prymo. (**LC**, p. 193)
- (10) Pera o conde **tintonj**. / Sobrescrito. Inclito et magnifico uiro Joanni comiti de **huntyngtom** mariscalco et arthimarino regi angliae. (**LC**, p. 197)

Rolim seria adaptação de quê? A sílaba final de (09), *otintonj*, deve ser interpretada como representação do ditongo [tõj] e não como possa pa-

12 Tanto **outiva** quanto **oitiva** são variantes registradas no dicionário *Aurélio*.

13 Os itálicos correspondem, no texto editado, ao desdobramento de abreviaturas e à substituição do til, por **n** ou **m**, conforme os exemplos desenvolvidos encontrados no texto original pelos editores/transcritores.

recer, à primeira vista, constituir duas sílabas [to.ni], visto que a primeira ocorrência da palavra, embora presente na edição um ene, este é representação do til do original. Mas consideremos a grafia *otintonj*, da segunda ocorrência: se se mantivesse o acento na sílaba inicial, haveria mais outras três, produzindo uma sobreesdrúxula, incompatível com o sistema fonológico-prosódico do português. Em (10) a grafia *tintonj* (com aférese do **o**- inicial, decorrente talvez da interpretação de que esse o seria o artigo, conforme (09): *do otintonj*, em crase *dotintonj*) poderia sugerir seja uma pronúncia paroxítona, seja uma oxítona; nesse exemplo vemos, na parte do documento que deve ser escrita em latim, a indicação mais próxima da forma original inglesa do nome (o **m** é devido à representação do til por parte dos editores).

Em (07) e (08), vemos uma variação gráfica na representação do nome *Lingel* / *ligel*. Da mesma forma, *otintonj* perde a nasalidade da sílaba inicial em (09) e esta desaparece, inclusive, em (10). Essa flutuação entre nasal e não nasal vai nos interessar daqui para diante, pois parece ser uma hesitação constante na língua

3 Nasal, lateral ou glide?

A leitura de inúmeros documentos antigos pode nos levar a refletir sobre o caráter da expressão escrita e de como o escriba tenta dar conta do processo de pôr por escrito algo que ele ouviu. Como as convenções da escrita ainda não tinham legislação específica, – o que vai acontecer nos séculos seguintes (sobretudo depois do sec. XVII), a partir da produção de manuais de ortografia –, podemos constatar algumas indecisões por parte de quem escrevia documentos oficiais ou não. Se não se pode considerar que toda grafia corresponda a uma representação da pronúncia de época¹⁴, também não se pode afirmar que as pessoas de determinada época

14 Williams (1961: 106-107), ao abordar o fenômeno da metafoia, presentes já no século XIII, afirma: “a rima *essa:abadessa* (CV, N.º 944, 1137) parece indicar que o *e* de *essa* ainda não se tinha aberto. No *Cancioneiro Geral*, as modificações vocálicas que se patenteiam pela grafia, a saber, de *e* para *i* e de *o* para *u*, tornam-se muito mais numerosas (cf. Cavacas, 184-185). É por conseguinte provável que as modificações vocálicas que não se patenteiam na grafia, a saber, de *ɛ* para *e*, de *ɛ* para *ê*, de *o* para *ô*, de *o* para *o*, se tenham semelhantemente tornado muito mais numerosas. Embora essa conclusão não se fundamente no estudo das rimas (Cavacas, 167-172), cumpre observar que o número crescente de rimas imperfeitas indiscutivelmente parece invalidar o testemunho das rimas nessa versificação e no século seguinte. **Talvez o advento da forma impressa e a conseqüente consciência crescente da palavra escrita ou impressa tenham levado os poetas a rimar então mais pelos olhos do que no período anterior.**” (negrito acrescentado).

não seriam capazes de ler um texto sem que a grafia estivesse, digamos, “correta”. Assim, acreditamos que o leitor das cartas de D. João de Castro não teria nenhuma dificuldade de reconhecer “pessoas” grafado *pesoas* no exemplo (02) ou *pergudisiall* (carta de 30.20.1540): ninguém leria o esse intervocálico como [z], nem o gê como oclusiva velar [g], pois a letra *g* era usada para representar também a palatal [ʒ], mesmo diante das vogais *a*, *o* ou *u*. É muito comum a certos editores de textos colocarem um (*sic*) após palavras que contenham uma letra *cê* onde deveria aparecer um *cê-cedilha*, mesmo que a ocorrência seja constante no autor, justificando que é exatamente assim que aparece registrado no texto, (o que é correto, do ponto de vista filológico, na edição de textos) mas não se dão conta de que, na época em que o texto foi produzido, ninguém leria o *cê* como oclusiva velar [k] em *criança*, ainda que essa palavra viesse grafada *creanca* ... E devemos, ainda, lembrar que, em épocas passadas, o número de pessoas alfabetizadas era reduzidíssimo e os documentos, sobretudo aqueles produzidos por notários, eram lidos em voz alta aos interessados que, depois, se concordassem com aquilo que tinham ouvido, os assinavam, ou alguém assinava por eles¹⁵ e isso também constava do documento. Talvez, por essa razão, os documentos de compra e venda, concessão, trocas, parecem ser redundantes, por fazerem referência, o tempo todo, aos nomes dos envolvidos e às coisas que eram objeto da transação.

Porém, como interpretar a representação de consoante nasal ou de lateral ou de um glide (semivogal) onde não se esperaria encontrar? Vejamos as abonações abaixo:

(11) [...] e ho castello de **Madril** se deu por partido. (CDJ, p. 186)

(12) [D. Fernando de Espanha] depois de deixar ordenado ho que pera isso compria, se partio pera **Madril**, e dali veo a Medina do Campo. (CDJ, p. 192)

Damião de Góis grafa com ele final todas as ocorrências (mais de uma dezena) de **Madri** (em espanhol, Madrid); no entanto, grafa Valedolid mantendo o *dê* final da forma espanhola; ele e outros autores (como fizera em 1433 o escrivão Afonso Steuez, exemplo (15)) grafam com lateral a coda da sílaba inicial do verbo e do verbal que atualmente contêm nasal: **rondar**

¹⁵ É muito frequente, nas cartas de compra e venda, de aforamento, que apareça o nome da pessoa (em geral, homem) que assinou por uma mulher, a rogo, com a informação de que ela não sabia escrever, da mesma forma que havia menção ao fato de uma mulher ter assinado porque sabia escrever (casos mais raros).

e **ronda** (ou ainda *robdaron*, no texto antigo da *Primera Crónica*, um dos manuscritos utilizados por Lindley Cintra na edição crítica da *CGE de 1344*) Em carta de outubro de 1541 (p. 61), D. João de Castro grafa D. Garcia de **Loronha** (Noronha) nas referências ao seu cunhado, Vice-Rei da Índia. De outra parte, Góis sempre grafa o reflexivo de terceira pessoa **si**, antecedido de preposição, com eme final: **sim** (também se encontra exemplo – **pera sym** – em carta de D. João de Castro, de 30.10.1540). Da mesma forma o intensificador na forma contracta, **mui**, aparece grafado **muim**, como em (17).

- (13) [...] e ver se daquella parte se vigiaua a çidade, ho que fez tantas vezes, atte que se assegurou de nam hauer alli guarda, nem **rolda**, do que loguo deu secretamente conta a dom Pedro da Fonseca Bispo de Auilla, que entam estaua em Alahejos em guarnição. (CDJ, p. 187)
- (14) Hos que **roldauam** ha çidade, sentindo gente desacustumada, nam se sabendo determinar em caso tam subito, se acolheram logo aho castello, cuidando que era treição ordenada por alguns dos Castelhanos que morauam na çidade, de que se tinha sospeita. (CDJ, p. 189)
- (15) [...] nem sejam constringidos que morem com amos contra suas uontades nem uellem nem **roldem**. (CDD, I, 1, p. 366, 09.10.1433)
- (16) [...] e foy feita em quãto **roldarom** e velarom e **roldaram** (*sic*) a primeira guarda (Ms. L; em nota: omitida em P; [r. e vel. e r. la pr. g. UV vel. e r. la pr. g. Q velaron et **robdaran** los primeros guardas *Pr. Crón.*]; CGE, I, p. 114, 20)
- (17) [da Rainha Donna Isabel, maim delREi d. João] [...] cuja morte foi delRei e dos mais do Regno **muim** sentida. [...] onde com **muita** solemnidade ho poserom, em hũa capela das do cruzeiro, em sepultura *pera sim* [...] (CDJ, p. 16)

Quanto à presença de semivogais (*glides*), algumas são justificáveis do ponto de vista etimológico, como **eigreja** (< *ecclesia*) ou **seitimamente** (< *septimamente*), mas não em **ousura**, **ouciosas**, **prouximos**, **seissagesimo** ou **freigues** (18-22)... Para **ousura**, seria uma pronúncia ditongada de **osura**, variante de **usura**; da mesma forma a ditongação de **freigues**¹⁶

16 No entanto, talvez se possa justificar etimologicamente: no dicionário Aurélio (p. 654), no verbete *freguês*, aparece a informação “[Do lat. vulg. hispânico *fili ecclesiae* “filho da igreja”]”, isto é, paroquiano. Em documentos do século XIII, do *Livro dos Bens de D. João de Portel*, aparecem consignadas as formas *freeguesia*, *freeguisia*, *fréeguesia*.

(freguês), que alterna com o alçamento em **friguesia** (para freguesia); na CDPI, ocorre **ejsentos** (isentos, < exemptu, p. 93) e **leicemça** (licença, p. 21). Em **ouciosas**, que derivaria de **occiosas** (ambas as grafias presentes em (19)), por vocalização da velar, não se pode saber como essa última forma representaria o étimo latino **otium** ... Em **seissagesimo** (sexagesimo), ou **neicios** (nescios), **eyxalçada** (exalçada) podemos supor uma ditongação comum, que se manifesta em palavras como **eiceção**, **eisiminar** (32), **taixas**, **taussaçom** e **toussado** (taxação, taxado, CDPI, p. 59). Na mesma CDPI, encontramos **eixeçam** e **eixeções** (p. 22): a ditongação na segunda sílaba provém da vocalização da oclusiva bilabial do grupo -pt- (< excep-tionem), mas a ocorrência na primeira sílaba é resultado do desenvolvimento de um *glide* na pronúncia palatal da sibilante, como ainda ocorre hoje em Portugal com **nascer** [naj.ʃer].

- (18) se emprestou a **ousura** [...] se leixou de hir a **eigreja** aos tempos que devera. (TC, p. 182)
- (19) [...] ouvir as cousas vãs e **occiosas** [...] E cõsêtido e falãdo muitas palavras torpes e desonestas e **ouciosas** e lixosas [...] murmurãdo dos *meus* **prouximos** (TC, p. 187-188)
- (20) Ca nũa avera a viuva mais o fruto **seissagesimo** a virgem o cêtesimo. (TC, p. 191)
- (21) [...] for escomungado per outro sacerdote cujo **freigues** era [...] nom pode escomûgar o **freigues** alheo. (TC, p. 201)
- (22) [...] salvante os **neicios** [...] devê de seer escomûgados e deitados fora da **eigreja** e da **friguesia** [...] (TC, p. 211)

Em **sunjas** (24) não há condicionamentos para que apareça a nasalização, que poderiam justificar **enxuntos** ou **enxemplos**, em que a nasalidade da vogal da segunda sílaba poderia ter sido antecipada (assimilação regressiva imperfeita). Se se pudesse alegar idêntico condicionamento para **enxunqueçam** (execução), não se pode usar essa justificativa para as formas verbais **emxecutou** de (29). E por que ora ocorreria a assimilação e ora a ditongação **eixucuçam**, como em (26)? Simples variantes?

- (23) [...] porque leemos no **Genisi** que [...] (TC, p. 209)
- (24) [...] ou se disse palavras torpes ou **sunjas** e toma prazer com ellas, et cetera. (TC, p. 206)

- (25) E *que* em se fazer assi [fazer aberta] os ditos campos ficariam **enxuntos**¹⁷ da dita aguoa. (CDPI, p. 125)
- (26) [...] pella quall Rezom perlomgua a **eixucuçam** do djreito [...] (CDPI, p. 16)
- (27) [...] façam **exsecuçom** (p. 56) [...] que se faça **enxunqueçam**¹⁸ pellos seus bens. (CDPI, p. 56, à margem)
- (28) Paz dos çeos & **eyxalçada** gloria fe defejaua pellos modernos que eftuam no mundo entom (ER, fol. IVr, col. 2)
- (29) Ca d's **emxecutou** em elle grãde juftiça [...] onde fe moftra que d's **emxecutou** muytas juftiças nos homeês. (ER, fl. IVv.)
- (30) **Seiftamête** veeo como vida pera nos fazer viuer. **Seitimamente** veeo como fenhor todo poderofa. (ER, fl. Vr)
- (31) O **emxemplo** defto fe poõe primeiramente (ER, fl. XVv)
- (32) E assi eneste livro se conteem **enxemplos** e falamentos e doutrinanas muito aproveitosas. (BD, p. 02)
- (33) [...] taes que nom sabem que cousa som ante que hajam espaço de oolhar e **eisiminar** quejendos querem ser. (BD, p. 87)

Em (33), temos **eisiminar** (BD, 1515); num documento da Chancelaria de Dom Manuel, de 04.02.1517, feito por Gomez Eanes, aparece **exzame**, assim como **emgemjnasse** e **emgymjnara**. Vemos como alternavam as formas com e sem ditongo e com nasal, em documentos praticamente da mesma data (1515 e 1517). Noutro documento da chancelaria, feito por Afonso Fernandez, de 12.08.1513, aparecem **ẽxuquesã** e **ẽxuquicã** (AZEVEDO, 1895: 336-337)

Para o livro do Gênesis, aparecem as variantes **Genesi**, com perda do esse final (em (22)), assim como a nasalização **Genesim**, conforme assinala

17 Nunes (1967: LXXXI), ao tratar da evolução do grupo -ct-, dá como um dos exemplos essa palavra, registrando o étimo e a forma arcaica, com ditongação da segunda vogal, mas não mencionando a ocorrência com a extensão da nasalidade para essa mesma vogal: “e x s u c t u, *enxuito* (arc.), *enxuto*.” A forma citada por Nunes como arcaica também é consignada por Leite de Vasconcelos (1966: 262), atribuindo-a a Camões, quando menciona que Camões “é quasi moderno, com um ou outro arcaismo, v. g., *lũa*, *enxuito*, *veleroso*, *no' mais*.”

18 Nunes (1967: XXVI), justifica da seguinte forma essa nasalização: “A vogal átona, inicial de palavra latina, quando não protegida por consoante, persiste em português, embora com tendência para cair, principalmente se é *e* ou *i* [...] Obs. 1. Tanto à lingua repugna o *e* inicial isolado que, quando o conserva, muitas vezes o nasaliza, como se vê em *enxemplo* (arc.), *enxaguar*, *enxame*, *enxada* (arc. *exada*), *enxuto* (arc. *exuto*), *enxofre* (arc. *exufre*), *inliçom* (arc.), de *e x e m p l u*, e *x a q u a r e*, *e x a m e*, **a s c i a t a*, *e x s u c t u*, *s u l f (e) r e*, *e l e c t i o n e*, ou o muda para *a*, como em *e c c u i s t e*, *a q u e s t e*, *e c c u i l l e*, *a q u e l l e*, *e c c u i n d e*, *a q u e n d e* (arc.), *a q u e m*, *e c c u h i c a q u i*, etc.” Podemos constatar que, nessa relação, ele não inclui *enxuito*.nem *eixada*.

Brunswick em seu dicionário do português antigo. Essa nasalização do *i* final aparece em muitos vocábulos, como **mim** de **mi** < mihi; **sim** de **si** < sic; em **muim** < **mui**, conforme acima; os casos de **sim** que aparecem em Damião de Góis para o reflexivo **si**. Esse autor apresenta um outro caso interessante de nasalização: **revens** (rebeldes), de revees < reveles (com flutuação de pronúncia entre [b] e [v]). Nas Cortes de D. Afonso IV, Capítulos especiais de Santarém, 1331, **mim** aparece com as grafias **mij** (p. 90, 92, 93) e **mjm** (p. 84), assim como o nome próprio **Martjnz** (p. 84), que pode ocorrer, em muitos documentos, como **Martiiz**, **Martjis** ou como **Martĩiz** ou **Martjĩz**, com a indicação de nasalidade. Nas cartas de D. João de Castro, ocorre **lasquarĩs** (p. 55) e **lascaris** (p. 72); **costolação** (p. 54); **motinios** (motins, p. 55), **marfĩ** (p. 67, 68); **Abexĩs** (p. 66, 68); **paraje** (p. 91), **viaje** (p. 92), sem indicação de nasalidade, mas “**lagens** de ouro” (p. 104), com representação da nasal semelhante àquela de Damião de Góis, supracitada. No *Livro das Posturas Antigas*, encontramos **estalages** (1544, p. 332, 335) e **estallaJeis** (1566, p. 339); **enlegeremos**, **execuçam**, **eixecuçam**, **emlições** (1489, p. 328-328), **eixecutor** e **executores** (1497, p. 329-330), onde podemos flagrar a ocorrência de variantes, com nasal ou com glide. No *Auto da Ave Maria*, de Antonio Prestes, ocorre **robĩ** (fl. 12v) e **naranjal** (fl. 09v) e no *Auto de Rodrigo e Mendo*, de Jorge Pinto (fl. 52v) **alfení** (alfenim) rima com **fi** e **ti**:

- (34) *ines*. Minhama he tudo **alfení** / não mefeuta he tudo achaques
ro. Quẽ diz de não dira **fi** / & entretanto daqueo daques, / remira
a mi & a **ti**.

Um levantamento feito no dicionário de português medieval, de Joaquim Carvalho da Silva, dá uma idéia da quantidade de vocábulos que apresentam a variação entre nasal, lateral e glide (sobretudo iniciados por **e**), seja em comparação com o étimo de origem, seja com a língua moderna (infelizmente, o autor não localiza a fonte em cada vocábulo; só apresenta, no final do livro, uma lista das obras usadas para a elaboração do dicionário):

Enxerdar < lat. *exhereditare*
Enxercar < ár. *xarraca*, vender carne em salmoura
Enxido, eixido, saído ; eixida, saída
Enxundia < lat. *axungia*, banha de porco
Enzolo < lat. *hamiciolu* , anzol (fr. hameçon)
Enxeco < ár. *ex-xeque*, dano, prejuízo, perda /eixeco

Enxalçar < lat. *exaltare* / eixalçar < lat. *exaltiare*
 Eichão, uchão, despenseiro
 Eigreeja < lat. *ecclesia*
 Eixada < lat. *asciata*, enxada
 Eixamete < lat. *hexamentu*, seda fina, rica
 Eiceçom, eixeçom, excepção
 Eixeme < lat. *examem*, exame
 Eixemplo < lat. *exemplu*
 Xarafis, xerafim, serafim (moeda)
 Cramesim < ár. *qirmezi*
 Marfil < ár. *hazm al-fil*
 Robi < prov. *rubi*, rubi ou rubim
 Bergantim < cat. *berganti*

O infinitivo do verbo **vir** era grafado como **vĩir**, **vĩjr** ou ainda **vĩjnr**, revelando o processo de evolução a partir de *venire*, mantendo a nasal, como atesta a forma de futuro **vinra**:

(35) [...] e seraa cõprida a profecia que elle [Jesus] disse por sua boca no dia de Ramos, quando êtrou em esta çidade, caualgãdo em hũa asna, e os Iudeus lhe fezerõ grande hõrra e o acõpanharõ atee o tẽmplo e deixarõ-no assi que nẽhũu o nõ cõuidou pera comer. E elle chorou logo sobre esta çidade e disse: Em esta geeraçã de Iherusalem **vinrá** hũa grãde pestilẽcia e atã grãde fame que a madre comeraa cõ fame o filho e assy a çidade seraa destroyda que nõ ficará pedra sobre pedra. (da *Estoria de Uespasiano*, edição de 1496, *apud* Nunes, 1967, p. 160)

Embora se tenha normatizado a grafia do infinitivo como **vir**, com obliteração da nasalidade, na transmissão das gerações a forma oral que perdurou foi **vim** [vĩ];. Assim, historicamente, o verbo **vir** é o primeiro que perde a desinência **-r** de infinitivo, visto ser incompatível ao sistema fonológico (e à fonética) do português a ocorrência de vogal nasal seguida de [r] na mesma sílaba! E o resultado é “eu vou **vim** amanhã” ...

A título de comparação, vejamos como a nasalidade resultante de apagamento de segmento fônico foi tratada no castelhano medieval: a evolução normal de verbos como *ponere*, *tenere*, *venire*, deve ter resultado em sequências silábicas não admissíveis pelo sistema fonológico de então. Assim, no futuro do indicativo, teria havido transposição (metá-

tese) da nasalidade: *ponra > porná; *tenras > ternás, *venra > verná, como podemos constatar nos exemplos (36-37), retirados de obras de Gomes Manrique (ca.1412-ca.1490)¹⁹ e (38-39) das *Coplas de Puertocarrero*. Para chegar aos atuais *pondrá*, *tendrá*, *vendrá*²⁰, teria havido o desenvolvimento de fonema para evitar o encontro problemático de [n] e [r], similar ao desenvolvimento de [b] em *nembrar/lembrar* e em *sombra* ou *ombro*, o que parece caracterizar um condicionamento ou uma restrição dessa sequência, nas duas línguas.

- (36) *La corona*: E después de tu persona / ferida con deçeplinas, / te **pornán** esta corona / de dolorosas espinas. *La cruz*: En aquesta cruz / el tu cuerpo se **porná**, / a la ora no avrá luz : y el tenplo caerá. (GM, p. 142, *Representación*²¹, v. 145-152)
- (37) [SAN JUAN] Estando [Jesús] en el agonía / me dijo con gran afán: / “Por madre **ternás** tu, Juan, / a la Santa Madre mia”. (GM, p.147-148, *Lamentaciones*, v. 73-76)
- (38) XEREZ Queréis ver si os aprovecha? / Llamalde, ved si **verná**. (PC, p. 239, *Coplas*, v. 37-38)
- (39) XEREZ En venir está pensando? / no **verná** si os entendió. (PC, p. 240, *Coplas*, v. 55-56)

4 No presente como no passado?

O *princípio uniformitarista*, apresentado por Labov (1975: 23), consiste em observar os fatos do presente para verificar se as regras que estão atuando são as mesmas que operaram no passado da língua. Labov chama a atenção sobretudo quanto aos fatores internos da língua: “To the extent that this principle depends on uniformities in the physiological basis of language, it must be correct, since there is no indication of differences between the linguistic past and the present in this respect.” Também ressal-

19 As datas correspondem ao nascimento e morte do autor; *ca.* é abreviatura usada para *circa* (=em torno de, por volta de).

20 Embora eu tenha asteriscado as fornas com sequência [nr], porque eu não tenho, no momento, exemplos para abonação, elas devem ter existido, pois as formas modernas com [ndr] justificam tal estágio da evolução.

21 Nesse texto aparecem também duas ocorrências de palavra com nasalização: “O viejo de **munchos** días” e “**munchas** graças te fazemos” (p. 137 e 140, respectivamente). O editor, quando da primeira ocorrência, esclarece em nota de rodapé: “17. *munchos*: con extensión de la nasalización inicial, forma bastante utilizada en la lengua antigua y hoy vulgar.”

ta o fato de que a implementação do pensamento uniformitarista requer um contato íntimo com os processos de mudança que estão atuando no presente (LABOV, 1994: 22). Observando certos fenômenos de variação das últimas décadas, verifiquei que temos situações bastantes semelhantes àquelas descritas acima, com dados constatados em documentos escritos há pelo menos quatrocentos anos. Vou apresentar, antes da discussão sobre os dados acima mencionados, duas situações.

Um primeiro exemplo, de fato registrado no presente que pode vir a “recompôr” o processo de variação/mudança ocorrido em estágios anteriores da língua, foi a constatação, no início dos anos oitenta, de que uma sobrinha realizava as oclusivas velares como dentais e foi uma das dificuldades que ela teve a superar, antes do domínio do /r/ (que em Curitiba se realiza como vibrante). Assim, ela identificava corretamente as velares; porém não as reproduzia como tal: eu fazia compras num atacadista, o Makro, aonde ela adorava ir. Como ela pronunciava esse nome como [‘ma.to], eu sempre brincava com ela, dizendo que a gente ia no mato. Ela retrucava imediatamente, silabando e intensificando o [to] correspondente ao [kro]: “ eu téio i no **ma-TÔ**, não no mato”. Esse poderia ser considerado simplesmente um problema ou uma etapa de aquisição da língua; no entanto, existem ocorrências antigas que registram idêntico fenômeno: variantes que ora apresentam velar, ora dental, como nos exemplos abaixo, constantes dos diferentes manuscritos compulsados por Lindley Cintra para a sua edição crítica da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, (vol. II, 1994 [1950]):

Ms ¹ .	[t] ~ [k]	[t] ~ [k]	[t] ~ [k]	[t] ~ [k]	[d] ~ [g]	[t] ~ [k] e	[t] ~ [g]
L	Carupel	Toucanique	Vecrooes	Leteram Romeca	Teoderigo, Theodorigo	Cusancia, Tusanda, Cusanta Orbyto	Guisallayto, Aguysalaito
P	Carupel	Toucanique			Teodorigo, Teuderigo	Cusancia Orbyto	Guisallayto
U	Carapel	Toncamque		Letaran Rometa		Tusanda, Cusanta	
Q	Carunpel	Toncamque					
V	Tarupel	Tontanque, Concamque		Lecaran Rometa		Tusanda, Cusanta	
M	Carrupel	Totatrique					
E	Carupel	Totarrique					
Ca	Racupel	Tocania					

Pr. Crón.			Vettones, Vectones, Ventones, Venções	Latera Rumeca	Theuderedo	Cosencia, Cusancia, Custança, Tusança, Cusanca Urbico	Gisalaygo
Pág. lin.	58,8	65,16	113,24	262,6/263,2	137,22	132,6/263,7, 147,27	162,2 /

Não se pode fixar qual teria sido a forma primeira desses nomes, para se poder dizer o que varia. Dada a quantidade de manuscritos compulsados, e à falta de um original comum ou de vários arquétipos, que poderiam dar as formas digamos “originais” dos nomes próprios, o autor da edição crítica optou por registrar todas variantes, tais quais se apresentam nos textos:

Dada a extrema irregularidade na transmissão dos nomes próprios, que torna perigoso um critério uniformizador, pela dificuldade em escolher uma de entre as variadíssimas formas que cada um apresenta, preferi — a não ser em casos muito raros em que a correção se impunha pela sua facilidade — manter inalteradas as formas que apresenta o manuscrito *L.* (CINTRA, 1983, p. DXLIII)

Na *CGE* aparecem ainda “Locaryo, rey de França”, por Lotário (p. 205, 15; 206,21; 207,07; 210,26 e outras) e, em nota, é registrada a ocorrência de *Lotario* no ms. da *Primera Crónica* (*Pr. Crón.*). O mesmo acontece em *Coga* (*L.*), *Coga* (*UV*) mas *Toga* (*Pr. Crón.*), ou em “tenha estes lugares: Tria Castella, **Torres**” que aparecem em *UV* como “tenga estos lugares Tria Castella, Tortores (*U*) Tortoles (*V*) e, na *Pr. Crón.*: “tenga estos quatro castiellos Tortores (*vars.* Torcorres, Torrores)” (*CGE*, p. 275,2; negritos acrescentados). Ou ainda Setebis, Setabis (*L.*), Setebis (*U*), Setebis (*V*) e as variantes Setabis, Setalabis, Satabis, Secabis, Sacobis, Sacabis em *Pr. Crón.* (p. 265,3) e, na mesma página, Rauta (*L.*), Rauca (*U*), Ravto (*V*), Rauca (*Pr. Crón.*). Na *Primera Crónica* aparecem muitas variantes internas a esse texto, como vimos observando; em *L* temos “ataa Cavana”, em *UV* “fasta Cavana” e na *Pr. Crón.* “fastal mont Gerad” (nome distinto, portanto) com as variantes “Gerat, Gerac, Garal, Darat” (*CGE*, p. 264, 3).

Como podemos constatar, a alternância entre as duas consoantes ocorre tanto em sílaba inicial como medial e final ou até em coda final (exs. da *Pr. Crón.*). Ainda que se faça restrição ao fato de nem todos os manuscritos serem em português (porém são variantes do mesmo texto), no tocante aos nomes próprios isso fica minimizado porque, nessas fases remotas das duas línguas, ainda havia muita semelhança entre o português e o castelha-

no. Além disso, internamente ocorre variação similar em cada uma delas, em maior ou menor proporção. Mas não há como negar uma intrigante regularidade na ocorrência do fenômeno: “When a completely unexpected regularity appears, we are faced with two embarrassing questions: why it should be so, and why we did not expect it to be so. The more regular the phenomenon, the more puzzling the question.” (LABOV, 1994, p. 14-15). Cabe empreender uma explicação dessa regularidade em cada uma das línguas, à luz do que se sabe hoje a respeito de fonética acústica e articulatória e dos equipamentos e programas avançados para o estudo das gravações de enunciados orais, como o PRAAT, por exemplo.

O segundo caso diz respeito a uma alternância entre a nasal [n] e a lateral [l]: quando fazia os créditos em disciplinas para o doutorado na França, em 1989, frequentei o seminário do Prof. Antoine Culioli. Ele desenvolvia a sua teoria da enunciação e tinha siglas para dois processos: QLT e QNT. Como em francês tanto o nome da letra ele como o do ene apresentam vogal aberta [‘el] e [‘en], vale dizer que eu jamais ouvia a diferença entre as duas siglas, quando ele soletrava [ky.el’tɛ] ou [ky.en’tɛ]. Se se tratasse de ler um texto contendo ambas, não tinha a menor dificuldade de identificar os processos mas, em sala, eu sempre tinha de perguntar a uma colega francesa qual das duas siglas o professor havia mencionado. Pode-se questionar, então: que propriedades acústico-articulatórias as duas consoantes têm em comum, para que não se consiga distinguir entre ambas?

Bom, se a minha dificuldade residia na recepção, pode-se imaginar um cenário semelhante em épocas mais antigas da língua. Casos como **Loro-nha** (Noronha), citado acima, são comumente classificados como dissimilação. Mas em que consiste, exatamente, a dissimilação? Não seriam as propriedades acústico-articulatórias das duas consoantes (lateral e nasal dental²²) que levariam o ouvinte a “confundir” ou neutralizar ambos os sons? Vejamos algumas ocorrências dessa variação:

(40) [...] a qual pustura e a tal . que totalas Barcas que fossem de Cen Tonéés acima e carregassem nos portos dos meus Reynos pera en ffrandes ou pera Engraterra . ou pera **Lormandia** . ou pera Bretanha . ou pera arrochella . que paguem vijn̄te soldos **destillíjs** no

22 Encontrei também abonação para alternância entre oclusiva dental oral [d] e nasal [n], para a palavra *medesmo* em dois documentos diferentes, distanciados por uma década: “[...] Eu dô Mêẽ *perez* abade do Moesteyro de san Johane da Pêdorada e o Convêto desse **menesno** lugar stabelecemos.” (MARTINS, 2001: 132, doc. de 08.02.1278, feito por Steuã Perez); “[...] subelha cõtenda *que* era Antro hõrado barõ Dõ Martin *periz* priol. do moest[ey]ro de vilarão e o Convêto desse **menesmho** lugar da hũa parte e [...]” (MARTINS, 2001: 148, doc. de 14.04.1288, feito por Ihoane steuãez).

frete. [...] que peytasse dez libras **destillíjs**.. (CDD, de 10.05.1293, *Descobrimentos*, doc. 29, p. 22 (na ementa: “**estrelins**, no frete”)²)

Em (38), texto da Chancelaria de Dom Dinis, além de **Lormandia** por Normandia (região da França), vemos a adaptação do inglês *sterling*: **estillíjs** e **estrelins**. O **de** em **destillíjs** é contração de **de stillíjs**, por que havia as libras **de portugueses** (i. é, dos soldos, moeda dos portugueses). Em documento de 25.03.1324, elaborado por “affonso rromãez pubrico taballyam da Cidade do porto”, aparece Normandia (39):

(41) E os que forem carregadores devem aaver quarenta soldos de tor-
neses por seu affam cada huum. E os descarregadores em **nor-**
mandia outro tanto e nom mais. (*Descobrimentos*, doc. 50, p. 45-
46 “Insero na carta de 1355, Agosto, 6.”)

Na **CGE** (p. 176, 26 e nota) faz-se menção ao fato de “Sam Beento” ter sido “bispo de Letena” (L), Latena (P), mas Neptena em *Pr. Crón*.

Indo em busca de autores que abordassem a questão, encontrei em Williams (1961: 114) uma nota elucidativa, após os exemplos de “Dissimilação de consoantes remotas”: “Embora as duas consoantes em lat. *anīma* e port. arc. *nembrar* não fossem a mesma, eram ambas nasais; a dissimilação se processou pela desapareção da nasalidade para *l*.”

Há duas questões a colocar nessa afirmação: (i) em *anīma*, existem duas consoantes nasais, [n] e [m], ambiente para que ocorra a dissimilação de um dos fonemas (mais ou menos) iguais, resultando *alma*; (ii) em *nembrar* haveria duas consoantes nasais? Se levarmos em consideração que a letra *m* da primeira sílaba indica tão somente nasalidade da vogal, não. Por quê? Conforme Leite de Vasconcelos, a evolução de *lembrar*, a partir da fonte latina *memorare*, seria:

lat. *memorare* >

**mem'rar* (forma teórica) >

membrar (forma existente em espanhol antigo²³) >

²³ Nunes (1967: 432) dá exemplo de ocorrência de *membrar-se* (reflexivo), numa das Cantigas de Santa Maria (n.º 256): “E dest'un mui gran miragre / uos quero dizer que ui / e, pero que era menyno, / **menbra-me** que foi assi, / ca m'estaua eu deante / e todo ui e oy, / que fez Santa Maria, / que muitos fez e fará / Quen na Uirgen groriosa, etc.” D. Alfonso X, rei da Espanha(Castella) foi quem escreveu as Cantigas, em português, e talvez por isso o *menbra-me* seja um decalque do castelhano. Não tenho à mão outras abonações para, no momento, desenvolver a questão. Para *nembrar*, Nunes registra vários exemplos no *córpus* que editou, a começar por dois, no relato da Batalha do Salado, texto que se encontra no *Livro de Linhagens*.

nembrar (por. ex. no *Leal Conselheiro*) >
lembrar (forma literária moderna) >
alembrear (forma popular). (1966, p. 261).

Ora, se *nembrar* é forma do séc. XV (o *Leal Conselheiro*, de Dom Duarte, é datável de ca. 1433-1438, período do seu reinado), nessa época parece que esse *m* já indicava somente nasalidade da vogal. Qual seria, então, o dissimilador, para resultar *lembrar*?

No meio do caminho, encontramos também exemplos de um dos fenômenos mencionados acima, o da nasalização, de um manuscrito do século XVIII, só recentemente impresso: **rubins** (p. 107), **munto**, (p. 54, 129); **munto** embora, (SJD, p. 55). Isso mostra que deve existir um *continuum* na transmissão da língua e/ou uma permanência nas regras estruturais, que continuam atuando. Em Menon (2008) apresentei uma série de fenômenos morfofossintáticos que se prestariam à discussão sobre haver solução de continuidade na transmissão da língua ou se se aplicaria o princípio uniformitarista.

No estado atual da língua, além da ocorrência de **vim** por **vir**, explanada acima, temos as variantes **então** / **intão** / **ẽitão**, que demonstram idêntico comportamento aos dos exemplos da língua arcaica, com as realizações de alçamento da vogal e com desenvolvimento de glide. Os *glides* são realizações comuns na sílaba inicial constituída de vogal nasal média anterior, como em **então**, **entender**, **encarar**, **emprestar** ou, ainda, nas sílabas finais como em **porém**, **homem**, **armazém** (como, na língua do séc. XVI, **omeis**, **estallaJeis**, *Livro das Posturas Antigas*, p. 318, 339) ou em monossílabos como **em**, **bem**, **tem**, **hein**.

No entanto, no dialeto paulistano (da cidade de São Paulo), essa pronúncia se estende às sílabas mediais, como em **entendimento**: essa é umas das idiossincrasias por que são reconhecidos os paulistanos. Em outras variedades, ocorre o alçamento da vogal média anterior nasal para alta: **intão**, **intende**, **impresta**. O que é de notar é que isso acontece nas sílabas iniciais de estrutura **V**, mas não nas de **CV**: em **cento**, **vento**, **mente**, **quente**, a variação com glide parece possível de ocorrer somente no dialeto paulistano (onde a regra se estendeu para outros contextos fonológicos) e parece não haver possibilidade de alçamento da vogal em nenhum outro dialeto do português do Brasil (PB). No dialeto paulistano, parece que ocorre primeiro um alongamento da vogal nasal, que vai ser escutada/ interpretada como contendo uma semivogal, que poderá ser produzida realmente, na transmissão da língua para as gerações seguintes. Tal processo, de alon-

gamento da vogal, pode ter sido o que “criou” glides na língua antiga, em palavras como **prouximo**, **eixeção**, **eixecutar**, **freigues**, **taixa** / **taussar**, ou em **agoura** (= agora, **CPDJ**, p. 102), o que parece ficar evidenciado nas covariantes **emxuquções**/ **eixecuçam**.

Dar nomes de personagens ou artistas famosos aos filhos é um hábito muito arraigado. De nomes de personagens da Bíblia ou de santos às estrelas de Hollywood ou da música, cada época transborda. Podemos até determinar a idade de uma pessoa pelo seu prenome ... Depois da Segunda Guerra Mundial, muitos meninos receberam nomes como Nelson, Wilson, Washington ... Eu trabalhei, no início dos anos setenta, numa empresa que tinha um funcionário chamado Oirço (=Wilson), grafia constante na sua carteira de identidade. Vemos como desapareceu a nasalidade final (também aparece o rotacismo: não lembro qual seria a origem geográfica desse funcionário). Na sequência do sucesso do cantor americano Michael Jackson, na última década do século XX, houve uma quantidade incrível de meninos que receberam o seu nome, mas grafado à brasileira: **Maicom** ou **Maicon**. Essa representação gráfica demonstra como atua o filtro fonológico da língua alvo: nenhum problema para o ditongo da sílaba inicial [maj], de Michael. No entanto, podemos perceber como os sons finais, ouvidos pelos brasileiros, encontraram sua representação grafêmica: não tendo som semelhante à vogal posterior aberta do inglês, diferente da nossa e, percebendo haver outro som depois da vogal [kʌl], como não há mais a possibilidade de a lateral fechar sílaba, esse “resíduo” é traduzido em português por uma nasalidade (influência, talvez, do traço de posterioridade da vogal?). Vemos, então, dois tratamentos diversos dados em português aos nomes de origem americana ou inglesa: (i) sílaba final contendo vogal posterior média seguida de nasal perde a nasalidade; (ii) sílaba final contendo vogal posterior aberta seguida de lateral é transformada em vogal posterior fechada e recebe nasalidade (no entanto, parece que Lincoln dá Lincon, o que confirma o processo de Maicon: [kʌln] > [kõ]).

Entretanto, o exemplo de variação que melhor espelha o processo de alternância entre nasal, lateral e glide é o nome do fruto cítrico facilmente descascável a mão: trata-se da variedade **poncan** (pode aparecer grafada com **cê** ou com **ka**), desenvolvida comercialmente, salvo engano, na década de setenta. Como é uma fruta abundante, pelo menos em Curitiba, pode-se constatar, nas tabuletas de preço, em feiras livres, nos supermercados ou na beira das estradas (onde é vendida a granel, medida em baldes), diferentes

grafias que ilustram a nossa exemplificação: **poncan** / **polcan** / **pocan**²⁴. Poderíamos pensar que a sílaba inicial [põ], pronunciada mais alongada, tenha gerado o desenvolvimento de uma semivogal [w]: [pow.'kã], por reanálise da nasalidade (no tocante à grafia com a letra ele, pode se imputar a uma influência da escrita porque, pelo menos no dialeto curitibano, não se tem mais a lateral como coda silábica: nem [l], nem [ɭ], é sempre [w]). Para *pocan*, podemos aventar duas soluções: desnasalização direta de [põ.'kã] ou, a partir da pronúncia [pow.'kã], uma monotongação.

5 À guisa de conclusão

Observando como se verificam certos fenômenos de variação na língua que escutamos todos os dias, podemos imaginar e reconstituir, talvez, como teria acontecido a passagem de uma etapa a outra em mudanças ocorridas em outras sincronias da língua. Os casos aduzidos neste trabalho constituem uma pequena amostra do que se pode fazer nesse campo de análise. Dispondo hoje de tecnologia avançada, de equipamentos de análise espectral, creio poder se chegar a medir, por exemplo, como ocorre o alongamento da vogal nasal e como essa passa a *glide*. Parece ser viável, também, trabalhar acusticamente a variação entre nasal e lateral como **marfil** / **marfim**; ou o desenvolvimento da nasal em **rubim**, **sim**, **assim** ... pois, embora a quantidade não seja distintiva em português, parece que, historicamente, vem desempenhando um papel importante em casos de variação e mudança que afetam as vogais²⁵.

A pequena amostra de exemplos de fenômenos aqui abordados é convite para que sejam mais profundamente explorados estudos como este, que podem minimizar a sempre lembrada dificuldade de trabalhar com etapas mais distanciadas da língua, quando não se dispunha de gravadores para registrar o oral. Acredito que se possa tentar chegar ao que terá sido a expressão oral, pois quantidade de ocorrências, em diferentes autores de uma mesma ou de diferentes épocas não faltam; o que ainda falta são le-

24 Uma funcionária do nosso edifício (até 2009, quando contava com mais ou menos 50 anos) só pronunciava [po.'kã].

25 Por exemplo: no caso da síncope da vogal postônica das proparoxítonas, não teria sido a pronúncia cada vez mais reduzida da vogal a causa do seu desaparecimento? Não se teriam combinado intensidade e quantidade para, juntas, detonarem a vogal postônica? Parece que, hoje, podemos medir acusticamente a realização desse fenômeno, simulando diferentes pronúncias e submetendo-as a programas de “leitura” acústica, ou seja, de decodificação física daquilo que se fala. Trata-se de campo de pesquisa ainda não suficientemente explorado.

vantamentos exaustivos das fontes, para se elaborar lista de variantes e sua produtividade. Também se deve levar em consideração as observações de diferentes estudiosos da língua (e mesmo os gramáticos, quando inserem restrições ao que se deve ou não dizer) quando emitem juízos a respeito desta ou daquela maneira como se fala ou pronuncia. Veja-se o que dizia Leite de Vasconcelos, a respeito da relação pronúncia / escrita no PE, no final do século XIX:

O estylo poetico adquire cada vez mais a naturalidade da prosa. O jornalismo, com a sua litteratura ligeira, e o theatro, com a sua pronúncia affectada, contribuem bastante para a alteração da língua. Aqui em Lisboa é frequente ouvir dizer *êrói* (heroe) e *mi-nis-tro*, porque assim se diz no Theatro de Dona Maria, quando a pronúncia normal d'aquellas palavras é *irói* e *menistro*. A orthographia é que levou os comicos àquelles erros. É tambem por influencia da orthographia que se diz Catharina em vez de Catherina (Cath'rina) orthographia e pronúncia antigas, como bem mostra o anagramma *Nathercia*. (1895, p. 48).

Ao estudar a história da língua, devemos frisar que mesmo o hapax (exemplo único) não deve ser desprezado: a experiência de consulta sistemática a textos antigos, de diferentes épocas, tem revelado que, muitas vezes, a essa ocorrência única de um autor vão se somar outras ocorrências, até mais numerosas, em outros autores e textos. Não se trata somente de tirar o máximo proveito de dados ruins, como ensina Labov (1994); é necessário coletar muitos dados, para se chegar a generalizações. Aprendamos a ler os dados antigos: quando se tem quantidades importantes de ocorrências, caem por terra justificativas como *lapsus calami*, escrita caótica, falta de habilidade do escriba ... porque as regularidades da língua ficam, então, evidenciadas.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA COSTA, Mário Júlio. Nota de apresentação. In: *Ordenações Afonsinas, Livro 1*. 2. ed. [fac-símile da edição de 1792] Nota de apres. De Mário Júlio Almeida Costa; nota textológica de Eduardo Borges Nunes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1998. p. 5-11
- AZEVEDO, Pedro d'. Benzedores e feiticeiros do tempo d'el-Rei D. Manuel. (Séculos XV-XVI). *Revista Lusitana*, Lisboa, v. III, p. 329-347. 1895.

- Boosco deleitoso. Vol I: texto crítico.* [Edição do texto de 1515, com introd., anot. e glossário por Augusto Magne]. Rio de Janeiro: MES/INL. 1950. **(BD)**
- BRUNSWICK, H. *Diccionario da antiga linguagem portugueza*. Lisboa: Emp. Lusitana. 1910.
- Cartas de D. João de Castro*. Coligidas e anotadas por Elaine Sanceau. Lisboa: Agência Geral do Ultramar/Divisão de Publicações e Biblioteca. 1955.
- Cartas e alvarás dos Faros da Casa Vimieiro*. Introd. de Maria Alice Beaumont. Cascais: Câmara Municipal/ Museu-biblioteca Conde de Castro Guimarães. 1968.
- CARTUSIANO, Ludolfo. *O livro de vita Christi em lingoagem português*. Vol. I. Ed. fac-similar e crít. do incunábulo de 1495 cotejado com os apógrafos por Augusto Magne, S. J. Rio de Janeiro: MEC/ Casa de Rui Barbosa. 1957. **(VC)**
- Chancelaria de D. Duarte. Vol. I, 1.* Lisboa: Centro Est. Hist., Univ. Nova de Lisboa. 1998. **(CDD)**
- Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*. Ed. prep. por A. H. Oliveira Marques. Centro de Estudos Históricos, UNL. Lisboa: INIC. 1984. **(CDPI)**
- Coplas de Puertocarrero*. In: PRIEGO, Miguel Ángel Pérez. *Teatro Medieval*. p. 237-264. 2009.
- CORREIA, Frei Joseph. *São João de Deus, pai dos pobres*. Cod. inéd. do séc. XVIII. Introd., transr. e índice rem. por Abílio José Salgado e Anastasia M. Salgado. Lisboa: Multinova. 1997 [1731]. **(SJD)**
- Cortes portuguesas: reinado de D. Afonso IV (1325-1357)*. Lisboa: INIC, 1982.
- Crónica de Cinco Reis de Portugal seguida da parte da Crónica Geral de Espanha que insere as histórias dos reis de Portugal*. Edição diplomática e prólogo de A. Magalhães Basto. Vol. I. Porto: Livraria Civilização - Editora. 1945. **(C5RP)**
- Evangelhos e epistolas con suas exposições en romance*. Porto: Na oficina de Rodrigo Álvares. 1497. Ed. fac-símile do incunábulo n.º 533 da BNL. Lisboa: Távola Redonda/ CEHLE. 1997. **(ER)**
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio*. 1 ed. 11. impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1975.
- GÓIS, Damião de. *Crónica do Príncipe D. João*. Ed. crít. e coment. por Graça Almeida. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. 1977 [1567]. **(CDJ)**
- Livro dos conselhos de el-Rei D. Duarte (Livro da Cartuxa)*. Ed. diplomática; transcr. João José Alves Dias. Introd. de A. H. Oliveira Marques e João J. A. Dias. Rev. de A. H. O. Marques e Teresa F. Rodrigues. Lisboa: Estampa. 1982. **(LC)**
- LABOV, William. On the use of the present to explain the past. In: HELLMANN, L. (ed.). *Proceedings of the Internat. Congress of Linguists*. Bologna: Il Mulino. p. 825-851. 1975.

- _____. *Principles of linguistic change. Volume I: Internal factors*. Oxford UK / Cambridge USA : Blackwell. 1994.
- Livro das posturas antigas*. Lisboa: Câmara Municipal. 1974.
- Livro dos bens de D. João de Portel. Cartulário do século XIII*. Publ. por Pedro A. de Azevedo, precedido de uma notícia hist. por Anselmo Bramcamp Freire. [Edição fac-similar da edição do *Arquivo Histórico Português*. 1906-1910, c/ nota prévia de Hermenegildo Fernandes]. Lisboa: Colibri/ C. M. de Portel. 2003.
- LUSIGNAN, Serge. *Parler vulgairement. Les intellectuels et la langue française aux XIII^e et XIV^e siècles*. Paris: Vrin /Montréal: PUM. 1986.
- MALER, Bertil. *Orto do esposo*. Texto inédito do fim do séc. XIV ou começo do XV. Edição crítica com introd., anotações e glossário. Vol. I: texto crítico. Rio de Janeiro: MEC/INL. 1956.
- MANRIQUE, Gómez. Lamentaciones fechas para la Semana Santa. In: *Obras dramáticas*. Editadas por PRIEGO, Miguel Ángel Pérez. *Teatro Medieval*. p. 145-149. 2009.
- _____. Representación del Nascimento de Nuestro Señor. In: *Obras dramáticas*. Editadas por PRIEGO, Miguel Ángel Pérez. *Teatro Medieval*. p. 135-144. 2009.
- MARTINS, Ana Maria. *Documentos portugueses do noroeste e da região de Lisboa. Da produção primitiva ao século XVI*. Lisboa: INCM. 2001.
- MENON, Odete P. S. Variação e mudança no português do séc. XIV: hi e ende. Comunicação apresentada no *XIII Congreso de la ALFAL*. San José, Costa Rica. 2002.
- _____. Uniformitarismo ou transmissão oral? In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia. (orgs.). *Anthony Julius Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 Letras / FAPERJ. 2008. p. 337-351
- _____. Variação no indivíduo e na comunidade no séc. XIV. Comunicação apresentada no *ROSAE: I Congresso Internacional de Lingüística Histórica*. Salvador, Bahia. 2009.
- NUNES, Eduardo Borges. Os manuscritos das Ordenações Afonsinas e a edição de 1792. In: *Ordenações Afonsinas, Livro 1*. 2. ed. [fac-símile da edição de 1792] Nota de apres. De Mário Júlio Almeida Costa; nota textológica de Eduardo Borges Nunes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1998. p. 13-23.
- NUNES, José Joaquim. *Crestomatia arcaica*. Excertos da liter. port. desde o mais antigo que se conhece até o séc. XVI. Acomp. de introd. gram., notas e glossário. 6. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora. 1967 [1906].

- PICOCHÉ, Jacqueline. *Dictionnaire étymologique du français*. Nouvelle édition. Paris: Le Robert. 1987 [1983].
- PINTO, Jorge. Auto de Rodrigo e Mendo. In: *Primeira parte dos Autos e comédias portuguesas, por António Prestes, Luís de Camões e outros autores portugueses*. fls. 49-60. 1973 [1587].
- PRESTES, António. Auto da Ave Maria. In: *Primeira parte dos Autos e comédias portuguesas, por António Prestes, Luís de Camões e outros autores portugueses*. fls. 1-26. 1973 [1587].
- Primeira parte dos Autos e comédias portuguesas, por António Prestes, Luís de Camões e outros autores portugueses*. Ed. fac-sim. da ed. org. por Afonso Lopez. Lisboa: Por Andres Lobato Impreſſor de liuros. 1587. Pref. Hernâni Cidade. Nota bibliog. de José V. de Pina Martins. Lisboa: LYSIA. 1973.
- SILVA, Joaquim Carvalho da. *Dicionário da língua portuguesa medieval*. 2. ed. rev. e ampl. Londrina: EDUEL. 2009.
- Tratado de Confissom*. Chaves, 8 de agosto de 1489. Fac-símile. Leitura diplom. e est. bibliogr. por José V. de Pina Martins. Lisboa: INCM. 1973. (TC)
- VASCONCELOS, Leite de. *Lições de filologia portuguêsã*. 2. ed. Lisboa: (sem indicação de editora). 1926.
- _____. *Lições de filologia portuguesa*. 4. ed. Enr. c/ notas do autor, pref. e anotada por Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro: Livros de Portugal. 1966.
- _____. Curso de língua portuguesa arcaica. *Revista Lusitana*, Lisboa, v. III, p. 19-51. 1895.
- VITERBO, Francisco de Sousa. *Trabalhos náuticos dos portugueses. Séculos XVI e XVII*. Reprod. em fac-símile do exemplar com data de 1898 da Biblioteca da Academia das Ciências. Introd. José Manuel Garcia. Lisboa: INCM. 1988 [1898].
- WILLIAMS, Edwin. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: MEC/INL. 1961.

Recebido em: 30/03/2013; Aceito em: 24/05/2013

Nota:

- 1 Na edição crítica, Lindley Cintra utilizou, como manuscrito de base o **L** (Academia de Ciências de Lisboa), complementando-o com o manuscrito **P** (Paris, Bibliothèque Nationale de France), cotejando-os com os demais constantes da relação abaixo.